

# Demandas e Contextos da Educação no Século XXI

Karina Durau  
(Organizadora)



**Atena**  
Editora

Ano 2019

Karina Durau  
(Organizadora)

# Demandas e Contextos da Educação no Século XXI

Atena Editora  
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Diagramação e Edição de Arte:** Geraldo Alves e Karine de Lima

**Revisão:** Os autores

#### Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

D371 Demandas e contextos da educação no século XXI [recurso eletrônico] / Organizadora Karina Durau. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Demandas e Contextos da Educação no Século XXI; v. 1)

Formato: PDF  
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader  
Modo de acesso: World Wide Web  
Inclui bibliografia  
ISBN 978-85-7247-082-7  
DOI 10.22533/at.ed.827190402

1. Educação. 2. Ensino superior – Brasil. I. Durau, Karina.  
CDD 378.81

**Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422**

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

## APRESENTAÇÃO

A obra “Demandas e contextos da educação no século XXI” apresenta um conjunto de 62 artigos organizados em dois volumes, de publicação da Atena Editora, que abordam temáticas contemporâneas sobre a educação no contexto deste século nos vários cenários do Brasil. No primeiro volume são apresentados textos que englobam aspectos da Educação Básica e, no segundo volume, aspectos do Ensino Superior.

Práticas pedagógicas significativas, avaliação, formação de professores e uso de novas tecnologias ainda se constituem como principais desafios na educação contemporânea. São tarefas desafiadoras, porém que atraem muitos pesquisadores, professores e estudantes que buscam discutir esses temas e demonstram em suas pesquisas que o conhecimento sobre todos os aspectos que envolvem os processos de ensino e de aprendizagem na Educação Básica e no Ensino Superior requerem uma prática pedagógica reflexiva. Muitas pesquisas indicam que cada grupo de docentes e discentes, em seus contextos social e cultural, revelam suas necessidades e demandam uma reelaboração sobre concepções e práticas pedagógicas para os processos de ensino e de aprendizagem.

Nessa perspectiva, o volume I desta obra é dedicado aos pesquisadores, professores e estudantes que se aplicam aos estudos de toda a complexidade que envolve os processos de ensino e de aprendizagem da Educação Básica, incluindo reflexões sobre políticas públicas voltadas para a educação, práticas pedagógicas, formação inicial e continuada de professores, avaliação e o uso de novas tecnologias na educação.

Já o volume II é dedicado aos pesquisadores, professores e estudantes que se interessam pelas demandas do Ensino Superior, como a relação entre a teoria e a prática em diversos cursos de graduação, seus processos de avaliação e o uso de tecnologias nesse nível da educação.

Assim esperamos que esta obra possa contribuir para a reflexão sobre as demandas e contextos educacionais brasileiros com vistas à superação de desafios por meio dos processos de ensino e de aprendizagem significativos a partir da (re) organização do trabalho pedagógico na Educação Básica e no Ensino Superior.

Karina Durau  
(Organizadora)

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
DESAFIOS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS COM MEDIAÇÃO TECNOLÓGICA NO ESTADO DO AMAZONAS	
Felipe Lopes de Lima Jeanne Araújo e Silva Lúcia Regina Silva dos Santos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8271904021</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>14</b>
A PRÁTICA DIDÁTICA E PEDAGÓGICA DIANTE DAS POLÍTICAS PÚBLICAS DE EDUCAÇÃO EM TEMPO INTEGRAL	
Nadja Regina Sousa Magalhães	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8271904022</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>20</b>
PROJETO PEDAGÓGICO INOVADOR EM UMA ESCOLA PÚBLICA: O PAPEL DO CONHECIMENTO E DO PROFESSOR	
Maria Cecília Sanches	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8271904023</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>35</b>
INFÂNCIA E DESCOLONIZAÇÃO: EMANCIPAÇÃO COMO ENCONTRO OU ROMPIMENTO ENTRE ADULTOS E CRIANÇAS?	
Antonio Gonçalves Ferreira Junior	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8271904024</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>40</b>
PEDAGOGIA DE PROJETOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL DO CEMEI VISCONDE DE ITABORAÍ	
Alexandra de Souza Silva dos Santos Simone de Oliveira da Silva Santos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8271904025</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>55</b>
IMPLEMENTAÇÃO DAS ÁREAS DE INTERESSE EM UMA ESCOLA MUNICIPAL DE VIÇOSA – MG	
Andreza Teixeira Guimarães Stampini Maria de Lourdes Mattos Barreto Naise Valeria Guimarães Neves	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8271904026</b>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>63</b>
ONLINE OU OFFLINE? VIVÊNCIAS E EXPERIÊNCIAS: A UTILIZAÇÃO DOS ESPAÇOS EXTERNOS NO COTIDIANO DA EDUCAÇÃO INFANTIL	
Aparecida do Nascimento Soares da Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8271904027</b>	

**CAPÍTULO 8 ..... 67**

O BRINCAR E O LETRAMENTO COMO POSSIBILIDADE DE SANAR AS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

Miriam Paulo da Silva Oliveira  
Rosilene Pedro da Silva

**DOI 10.22533/at.ed.8271904028**

**CAPÍTULO 9 ..... 74**

A ESCOLARIZAÇÃO DO ESTUDANTE COM DEFICIÊNCIA E O TRABALHO DIDÁTICO

Paulo Eduardo Silva Galvão

**DOI 10.22533/at.ed.8271904029**

**CAPÍTULO 10 ..... 84**

A PRÁTICA DA AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM: UM OLHAR DO PROFESSOR SOBRE O ESTUDANTE COM DEFICIÊNCIA INCLUSO

Maria José de Souza Marcelino  
Maria José Calado Souza

**DOI 10.22533/at.ed.82719040210**

**CAPÍTULO 11 ..... 97**

EDUCAÇÃO INCLUSIVA: NÍVEIS DE ESTRESSE DOS DOCENTES FRENTE À INCLUSÃO

Andréa Santana  
Eliane Aparecida Mendonça  
Franciele Viviane Ismarsi  
Nayara Leticia Gonçalves  
Suzana Barbosa Nicolau  
Rádila Fabricia Salles

**DOI 10.22533/at.ed.82719040211**

**CAPÍTULO 12 ..... 120**

PRÁTICAS DE FORMAÇÃO DE FORMADORES EM LENTE MULTIFOCAL: FORMANDO ME FORMO, ME INFORMO, ME RECONSTRUO...

Sueli de Oliveira Souza  
Simone Albuquerque da Rocha

**DOI 10.22533/at.ed.82719040212**

**CAPÍTULO 13 ..... 131**

EDUCAÇÃO DO CAMPO E O PACTO NACIONAL PELA ALFABETIZAÇÃO NA IDADE CERTA: DESAFIOS E POSSIBILIDADES PARA A FORMAÇÃO DOCENTE

Luzanira de Deus Pereira da Silva  
Regina Aparecida Marques

**DOI 10.22533/at.ed.82719040213**

**CAPÍTULO 14 ..... 140**

FORMAÇÃO CONTINUADA E AUTONOMIA PROFISSIONAL À LUZ DO PACTO NACIONAL PELA ALFABETIZAÇÃO NA IDADE CERTA

Michelle Castro Silva

**DOI 10.22533/at.ed.82719040214**

<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>147</b>
HABILIDADES DE REFLEXÃO FONOLÓGICA E ALFABETIZAÇÃO: SABERES E FAZERES INCORPORADOS À AÇÃO DIDÁTICO-PEDAGÓGICA DE ALFABETIZADORAS	
Edeil Reis do Espírito Santo	
<b>DOI 10.22533/at.ed.82719040215</b>	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>162</b>
FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE LITERATURA NO ENSINO A DISTÂNCIA	
Giselle Larizzatti Agazzi	
Maria Teresa Ginde de Oliveira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.82719040216</b>	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>172</b>
FORMAÇÃO DE PROFESSORES E USO DE TIC: DESAFIOS E POSSIBILIDADES	
Rosana Maria Luvezute Kripka	
Lori Viali	
Regis Alexandre Lahm	
<b>DOI 10.22533/at.ed.82719040217</b>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>183</b>
A ORGANIZAÇÃO DA ESCOLARIDADE EM CICLOS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS E O DIREITO À EDUCAÇÃO: DESAFIOS E PERSPECTIVAS	
Regina Aparecida Correia Trindade	
<b>DOI 10.22533/at.ed.82719040218</b>	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>196</b>
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO MUNICÍPIO DE UBERABA/MG/BRASIL	
Eliana Cristina Rosa	
Daniel Omar Arzadun	
<b>DOI 10.22533/at.ed.82719040219</b>	
<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>214</b>
DESAFIOS DA GESTÃO ESCOLAR PÚBLICA NO MUNICÍPIO DE MIRASSOL D'OESTE – MT	
Cláudia Lúcia Pinto	
Geovana Alves de Lima Fedato	
Valcir Rogério Pinto	
Julio Cezar de Lara	
<b>DOI 10.22533/at.ed.82719040220</b>	
<b>CAPÍTULO 21</b> .....	<b>233</b>
A PERSPECTIVA DISCENTE RELACIONADA AO USO DE DISPOSITIVOS ELETRÔNICOS NO AMBIENTE ACADÊMICO	
Carla Oliveira Dias	
<b>DOI 10.22533/at.ed.82719040221</b>	
<b>CAPÍTULO 22</b> .....	<b>245</b>
O BLOG COMO SUPORTE DIDÁTICO-PEDAGÓGICO NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA	
Manoel Guilherme De Freitas	
<b>DOI 10.22533/at.ed.82719040222</b>	

<b>CAPÍTULO 23</b> .....	<b>254</b>
SALA DE AULA INVERTIDA COM WHATSAPP	
Ernane Rosa Martins	
Luís Manuel Borges Gouveia	
<b>DOI 10.22533/at.ed.82719040223</b>	
<b>CAPÍTULO 24</b> .....	<b>264</b>
USO DO WHATSAPP NO COTIDIANO DAS PESSOAS IDOSAS: LETRAMENTO DIGITAL NA INTERAÇÃO COMUNICATIVA	
Estêvão Arruda Borba Santiago Guimarães	
Zuleide Maria de Arruda Santiago Guimarães	
<b>DOI 10.22533/at.ed.82719040224</b>	
<b>CAPÍTULO 25</b> .....	<b>274</b>
AS FASES DA GESTÃO DE PROJETOS APLICADAS À PRODUÇÃO ÁGIL DE CONTEÚDOS EDUCACIONAIS ONLINE	
Felipe Paes Landim	
Marcos Andrei Ota	
Jane Garcia de Carvalho	
<b>DOI 10.22533/at.ed.82719040225</b>	
<b>CAPÍTULO 26</b> .....	<b>283</b>
BALEIA AZUL E 13 REASONS WHY: ATÉ QUE PONTO A INTERNET INTERFERE NA IDEIAÇÃO SUICIDA?	
Júlia Sprada Barbosa	
Giovana Chaves Mendes	
Marina Dilay de Oliveira	
Matheus Novak Corrêa	
Nathalia Akemi Shimabukuro	
Cloves Antonio de Amissis Amorim	
<b>DOI 10.22533/at.ed.82719040226</b>	
<b>CAPÍTULO 27</b> .....	<b>291</b>
PRÁTICAS EDUCATIVAS NA REDE FEDERAL: UM OLHAR SOBRE A EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA	
Tatiana Das Mercês	
<b>DOI 10.22533/at.ed.82719040227</b>	
<b>CAPÍTULO 28</b> .....	<b>305</b>
ESTILOS DE APRENDIZAGEM DE CRIANÇAS E JOVENS E A METODOLOGIA DOS EPISÓDIOS DE APRENDIZAGEM SITUADA	
Monica Fantin	
<b>DOI 10.22533/at.ed.82719040228</b>	
<b>CAPÍTULO 29</b> .....	<b>318</b>
LETRAMENTO LITERÁRIO E INTERSEMIOSE: UMA EXPERIÊNCIA DE ENSINO E APRENDIZAGEM A PARTIR DA POESIA DE GREGÓRIO DE MATOS	
Marta da Silva Aguiar	
Dayane Gomes da Silva Rodrigues	
<b>DOI 10.22533/at.ed.82719040229</b>	

**CAPÍTULO 30 ..... 331**

MULTILETRAMENTOS COM GÊNERO NOTÍCIA: DO IMPRESSO AO DIGITAL

Cristiane Coitinho de Sousa

**DOI 10.22533/at.ed.82719040230**

**CAPÍTULO 31 ..... 342**

ALUNOS DA TURMA “E”: REFLEXÕES E INFLEXÕES SOBRE ESTIGMATIZAÇÃO NO ÂMBITO ESCOLAR

Laerty Garcia de Sousa Cabral

Gabriel Ginane Barreto

Ângela Cristina Alves Albino

**DOI 10.22533/at.ed.82719040231**

**CAPÍTULO 32 ..... 352**

AVALIAÇÃO EXTERNA – PERSPECTIVA DE CONTRIBUIÇÃO À APRENDIZAGEM DOS ALUNOS DA ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL RITA PAULA DE BRITO

Maria Zilmar Timbó Teixeira Aragão

Silvany Bastos Santiago

**DOI 10.22533/at.ed.82719040232**

**CAPÍTULO 33 ..... 363**

ESTUDO SOBRE A CORREÇÃO DAS AVALIAÇÕES BIMESTRAIS APLICADAS NA EEEP RAIMUNDO SARAIVA COELHO APARTIR DA UTILIZAÇÃO DA PLATAFORMA GRADECAM

Maria Francimar Teles de Souza

Rosa Cruz Macêdo

José Oberdan Leite

Antônia Lucélia Santos Mariano

Renata Eufrásio de Macedo

Dennys Helber da Silva Souza

**DOI 10.22533/at.ed.82719040233**

**CAPÍTULO 34 ..... 374**

ANÁLISE DA REPROVAÇÃO DE ESTUDANTES DOS CURSOS TÉCNICOS INTEGRADOS AO ENSINO MÉDIO DE UMA INSTITUIÇÃO DE ENSINO DO INTERIOR DE GOIÁS

Joceline Maria da Costa Soares

Karolinny Gonçalves Guida

Luciana Aparecida Siqueira Silva

Christina Vargas Miranda e Carvalho

**DOI 10.22533/at.ed.82719040234**

**CAPÍTULO 35 ..... 382**

METODOLOGIAS ATIVAS NO PROCESSO AVALIATIVO

Wony Fruhauf Ulsenheimer

Eriene Macêdo de Moraes

Taynan Brandão da Silva

Cristiani Carina Negrão Gallois

Vânia Lurdes Cenci Tsukuda

André Ribeiro da Silva

**DOI 10.22533/at.ed.82719040235**

<b>CAPÍTULO 36</b> .....	<b>390</b>
“SOBEJAS PROVAS DE UM PROCEDIMENTO IRREPREHENSIVEL” AGOSTINHO LOPES DE SOUZA – A TRAJETÓRIA DE UM PROFESSOR PRETO NA CIDADE DE CUIABÁ NO FINAL DO SÉCULO XIX	
Paulo Sérgio Dutra	
DOI 10.22533/at.ed.82719040236	
<b>CAPÍTULO 37</b> .....	<b>401</b>
A IDENTIDADE FEMININA DA JOVEM NEGRA NAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS: AS VEREDAS TRAÇADAS POR AYA	
Maria Letícia Costa Vieira Patrícia Cristina de Aragão	
DOI 10.22533/at.ed.82719040237	
<b>CAPÍTULO 38</b> .....	<b>414</b>
PATENTEANDO AO PÚBLICO: ESCOLARIDADE E TRABALHO, PRESENÇA DE PRETOS E PARDOS NA SOCIEDADE CUIABANA ENTRE OS ANOS DE 1850 E 1890	
Paulo Sérgio Dutra	
DOI 10.22533/at.ed.82719040238	
<b>CAPÍTULO 39</b> .....	<b>427</b>
PSICOLOGIA ESCOLAR: A PROMOÇÃO DO VALOR DA AMIZADE E AUTOESTIMA COMO ESTRATÉGIAS DE ENFRENTAMENTO ÀS ADVERSIDADES DO CONTEXTO ESCOLAR	
Daniela Pereira Batista de Paulo Santos	
DOI 10.22533/at.ed.82719040239	
<b>SOBRE A ORGANIZADORA</b> .....	<b>438</b>

## AVALIAÇÃO EXTERNA – PERSPECTIVA DE CONTRIBUIÇÃO À APRENDIZAGEM DOS ALUNOS DA ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL RITA PAULA DE BRITO

**Maria Zilmar Timbó Teixeira Aragão**

Secretaria Municipal de Educação

Aquiraz - Ceará

**Silvany Bastos Santiago**

Instituto Federal de Educação, Ciência e

Tecnologia do Ceará

Fortaleza - Ceará

**RESUMO:** O presente trabalho investiga como o processo de avaliação em larga escala, especificamente a realizada pelo Sistema Permanente de Avaliação do Estado do Ceará – SPAECE contribui para a aprendizagem dos alunos da Escola Municipal de Ensino Fundamental Rita Paula de Brito, em Aquiraz (Ce). Para tanto, a pesquisa buscou averiguar a concepção de professores e alunos sobre o SPAECE; observar como se comportam os atores envolvidos no processo; identificar de que maneira a escola utiliza os resultados das avaliações e se realiza intervenções; verificar os instrumentais utilizados no SPAECE e compará-los com os das avaliações internas. Este estudo caracterizou-se como pesquisa-ação oportunizando o envolvimento do pesquisador e participantes da pesquisa, na solução do problema evidenciado. Concluiu-se que quando existe a cultura de um trabalho sistemático de estudo, acompanhamento, divulgação e análise dos resultados das avaliações externas das

quais a escola participa, o nível de desempenho dos alunos melhora consideravelmente, contribuindo para que atinjam a proficiência desejável e adequada. Sugere-se à escola, acolher a avaliação como ferramenta de gestão, possibilitando que seus resultados integrem o dia a dia da mesma, evidenciando o trabalho colaborativo e favorecendo a gestão democrática. O investimento na formação em serviço dos professores e gestores, também se faz relevante com o objetivo de replanejamento de ações, focados no diagnóstico oportunizado pelas avaliações externas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Avaliação externa. Aprendizagem. Acompanhamento.

**ABSTRACT:** This paper investigates how the evaluation process on a large scale, specifically held by the Sistema Permanente de Avaliação do Estado do Ceará - SPAECE contributes to the learning of students of the School of Education Elementary Rita Paula de Brito. Therefore, the research sought to determine the design of teachers and students about the SPAECE; observe how they behave the actors involved in the process; identify how the school uses the results of evaluations and conducts interventions; check the instruments used in SPAECE and compare them with those of internal evaluations. This study was characterized as action research providing opportunities for the

involvement of the researcher and the research participants, the solution of the problem evidenced. It was concluded that when there is a culture of systematic work study, monitoring, dissemination and analysis of the results of external evaluations which the school participates, the performance level of the students improved considerably, contributing to achieve the desirable and appropriate proficiency. It is suggested to school, receive the evaluation as a management tool, enabling their results are part of the daily life of the same, highlighting the collaborative work and promoting democratic management. Investment in in-service training of teachers and managers, also makes it relevant for the purpose of stock redesign, focused on the diagnosis by external evaluations.

**KEYWORDS:** External evaluation. Learning. Monitoring.

## 1 | INTRODUÇÃO

Dentre os múltiplos desafios educacionais a serem enfrentados, a avaliação externa, configura-se um deles. Denominada também, de avaliação em larga escala, é considerada, atualmente, como um dos principais instrumentos construtores de políticas públicas dos sistemas de ensino e vem sendo utilizada, também, pelas escolas no redirecionamento de suas metas de ensino.

No Ceará, em 2007, em decorrência de um diagnóstico realizado nas escolas públicas municipais, constatou-se que 70% das crianças não estavam alfabetizadas na idade correta. Diante desse alarmante fato, foi elaborado, por técnicos da Secretaria de Educação do Estado (SEDUC), em parceria com a Universidade Federal do Ceará, o Programa Alfabetização na Idade Certa (PAIC), que utilizou como uma de suas estratégias a avaliação externa para acompanhar o resultado individual da aprendizagem dos alunos, bem como a evolução das redes municipais. No entanto, nem todas as instituições de ensino conseguem utilizar com eficiência as ações do PAIC para a melhoria da aprendizagem de seus alunos. A Escola Municipal de Ensino Fundamental Rita Paula de Brito, localizada no município de Aquiraz (CE), participa das avaliações externas, e embora seus professores participem da formação continuada destinada a eles e utilizem material estruturado elaborado com finalidade específica para atender ao planejamento, as metas definidas não são alcançadas e o nível de desempenho dos alunos ainda não é desejável, notadamente nas séries finais do ensino fundamental, 9º ano.

Integrando o ciclo de avaliações externas cita-se ainda a avaliação realizada pelo Sistema Permanente de Avaliação do Estado do Ceará (SPAECE), a referida avaliação de natureza censitária produz um diagnóstico sobre o nível de desempenho dos alunos do 2º, 5º, 9º anos do Ensino Fundamental e Ensino Médio das escolas públicas, permitindo a comparação com os resultados da Prova Brasil, bem como o monitoramento sobre a evolução do desempenho e as metas estabelecidas pelo

Índice de Desenvolvimento da Educação Básica – IDEB.

No atual contexto, observa-se que, apenas a divulgação de números relativos à aplicação das referidas avaliações é insuficiente para provocar as mudanças na prática docente. Isto posto configura-se uma questão, até que ponto as avaliações em larga escala contribuem de forma efetiva para a aprendizagem dos alunos?

É nesse contexto que o trabalho em pauta objetiva investigar de que maneira o processo de avaliação em larga escala pode contribuir efetivamente para a aprendizagem dos alunos da Escola Municipal de Ensino Fundamental Rita Paula de Brito, em Aquiraz (CE). Averiguando, inicialmente, a concepção de professores e alunos sobre a avaliação em larga escala, observando como se comportam os atores desse processo avaliativo: alunos, professores, gestores e principalmente coordenadores pedagógicos; e procurando identificar como a escola utiliza os resultados das referidas avaliações e se realiza intervenções. Buscou-se ainda, verificar os instrumentais utilizados nas avaliações externas, comparando-os com os das avaliações internas realizadas pela escola.

Segue uma breve discussão acerca das avaliações em larga escala, apresentando, primeiramente, algumas abordagens sobre a avaliação. Em seguida, o estudo discorre sobre o Sistema Permanente de Avaliação do Estado do Ceará - SPAECE. Em outro momento, problematiza-se a experiência da avaliação SPAECE na EMEF. Rita Paula de Brito, localizada no município de Aquiraz (CE).

## 2 | ABORDAGENS SOBRE AVALIAÇÃO

Para este tema, selecionou-se para estudo de maior aprofundamento Luckesi (2005) que reelabora conceitos e recria práticas em relação à avaliação, Perrenoud (1999) que mostra a complexidade do problema da avaliação como componente de um sistema de ação, Lima (2001) apresenta como o processo de avaliação transformou-se aos poucos em uma poderosa arma de poder sobre as crianças e jovens e Hoffman (2000) que problematiza a prática de avaliação na escola, quando reflete sobre o seu cotidiano. Em suas respectivas literaturas, sugestivos aspectos ajudam na reflexão sobre questões determinantes nos processos de avaliação.

Luckesi (2005) defende uma abordagem crítica e construtiva da avaliação com a ideia de que os alunos vão à escola para aprender e não para serem examinados, e que a cultura de avaliação nas escolas deve ser estimulada em oposição ao que ele denomina exames, pondo em cheque tanto a disposição psicológica do avaliador quanto sua compreensão sobre essa questão. Para Luckesi (2005), avaliar, antes de tudo, é diagnosticar e solucionar impasses. Considera que avaliar objetiva fazer diagnóstico da situação de aprendizagem do educando visando tomar decisões quanto à melhoria do seu desempenho. Sendo processual, dinâmica, inclusiva e democrática na medida que permite uma “prática pedagógica dialógica”. Em

contrapartida, apresenta as características do “ato de examinar” como sendo de julgamento, aprovando ou reprovando os estudantes em sua trajetória escolar, poder que mantém a cultura dos exames. São pontuais, classificatórios, seletivos, estáticos e conseqüentemente antidemocráticos, na medida em que excluem os educandos ao estabelecer escala de valores em aprovado e reprovado, e classificando-os em níveis definitivos.

Em sua abordagem sociológica, Perrenoud (1999) apresenta a avaliação que se debate entre duas lógicas, mesmo considerando que existam outras bem mais pragmáticas e embora não ignore contribuições da psicopedagogia nem da didática. Uma que estaria a serviço da seleção e outra a serviço das aprendizagens. A primeira, considerada tradicional, “os alunos são comparados e depois classificados em virtude de uma norma de excelência” (PERRENOUD, 1999, p. 11). A segunda, denominada de “avaliação formativa”, tem como ideia central “delimitar as aquisições e os modos de raciocínio de cada aluno o suficiente para auxiliá-lo a progredir no sentido dos objetivos” (PERRENOUD, 1999, p. 14). Assim, situa a avaliação no princípio da excelência escolar para demonstrar que o êxito e o fracasso são realidades construídas socialmente. E, explica porque as práticas de avaliação convencionais impedem a mudança das práticas de ensino e da relação pedagógica mostrando que não existe ruptura total entre a avaliação tradicional e avaliação formativa. E conclui que nada impede que as duas lógicas citadas inicialmente, coexistam, na escola e na aula, de forma harmônica.

O conceito de Hoffman (2010) distingue o diálogo entre aluno e professor como indicador de aprendizagem quando oportuniza a construção do saber pela reformulação de alternativas de solução. Há todo um dinamismo, quando da reflexão do professor em relação ao seu método, na elaboração de questões e análise das respostas dos alunos. O que idealiza a avaliação contínua e mediadora é uma visão construtivista do erro, pois é considerado componente significativo ao desenvolvimento da ação educacional, permitindo ao professor observar e questionar a construção do conhecimento pelo aluno, em face da realidade. Pressupõe uma avaliação não de produto, mas do processo, e passa por três princípios: a de investigação precoce (provocações intelectuais significativas), provisoriedade (sem fazer juízos do aluno), e complementaridade (complementa respostas velhas a um novo entendimento).

A abordagem de Lima (2001) relaciona-se ao tema em estudo de forma significativa porque a mesma evidencia a concepção de uma pedagogia do exame como instrumento para exercício de poder. A exemplo de Luckesi que considera *exame* todos os mecanismos avaliativos postos e que, inadequadamente, são denominados como avaliação da aprendizagem escolar. Aborda, ainda, os mecanismos, técnicas e instrumentos de exercício do poder na relação professor-aluno, tanto em seus aspectos mais concretos quanto em seus aspectos simbólicos.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) de Língua Portuguesa (1998) recomenda que, “a avaliação deve ser compreendida como um conjunto de ações

organizadas com a finalidade de obter informações sobre o que o aluno aprendeu, de que forma, e em quais condições.” (PCNs, 1998, p. 93). Nesse sentido, não deve acontecer em momentos específicos como fechamento de etapas de trabalho, mas sim durante todo o processo de ensino e aprendizagem, funcionando como instrumento que possibilite ao professor fazer uma análise reflexiva do seu trabalho e permita ao aluno saber de seus avanços e dificuldades e entender suas possibilidades.

## 2.1 Características do processo da Avaliação Externa em Larga Escala

Desde a emergência da escola no mundo moderno que as concepções de avaliações mencionadas anteriormente a acompanham. Em um período mais recente, somaram-se a elas, as avaliações externas, normalmente realizadas em larga escala. São definidas pelo Centro de Políticas Públicas e Avaliação da Educação (CAEd) da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) como um dos principais instrumentos utilizados na elaboração de políticas públicas dos sistemas de ensino, pois seu resultado é uma medida de proficiência que oferece um panorama do desempenho educacional, possibilitando o redirecionamento de suas metas.

Portanto, seus objetivos buscam assegurar e fortalecer o direito a todos os alunos a uma educação de qualidade. Diferentemente da avaliação da aprendizagem realizada internamente nas escolas, avaliam os sistemas ou as redes de ensino, podendo ser censitárias ou amostrais. A fim de que possa manter a comparabilidade e a confiabilidade de resultados, requer metodologia e instrumentos de análise específicos.

Seus resultados, além de subsidiar a tomada de decisões em prol da melhoria da educação tanto no âmbito dos sistemas e redes de ensino quanto escolas, permite ainda acompanhar o desenvolvimento dos mesmos ao longo das diferentes edições das avaliações, mediante a comparação dos resultados. Possibilitando construir indicadores educacionais, como o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), distribuindo o percentual de alunos em cada nível da escala de proficiência.

No Brasil, essa modalidade de avaliação prosperou, depois dos anos 80, com a implantação do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (SAEB). Essa foi a primeira iniciativa brasileira no sentido de conhecer os problemas e deficiências do sistema educacional. De acordo com Becker (2010):

O SAEB tornou possível identificar os problemas do ensino e suas diferenças regionais por meio de dados e indicadores que possibilitam uma maior compreensão dos fatores que influenciam o desempenho dos alunos e proporcionou aos agentes educacionais e à sociedade uma visão concreta dos resultados dos processos de ensino e aprendizagem e das condições em que são desenvolvidos. (BECKER, 2010, p. 3)

O referido Sistema, coordenado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas

Educacionais Anísio Teixeira (INEP), tem como objetivos medir, avaliar a qualidade, a equidade e a eficiência do ensino e fornecer subsídios para a formulação de políticas públicas.

Assim, o governo do estado do Ceará, por meio da Secretaria de Educação (SEDUC), implementou desde 1992, o Sistema Permanente de Avaliação da Educação Básica do Ceará – SPAECE. Com o objetivo de fornecer subsídios à formulação, reformulação e monitoramento das políticas educacionais, além de possibilitar aos professores, diretores escolares e gestores educacionais um quadro situacional da Educação Básica na rede pública de ensino. A partir de 2007, a abrangência do SPAECE foi ampliada, incorporou a avaliação da alfabetização e expandiu a avaliação do Ensino Médio para as três séries de forma censitária.

Atualmente o SPAECE tem três focos: Avaliação da Alfabetização – SPAECE – Alfa (2º ano), avaliadas as habilidades em leitura; Avaliação do Ensino Fundamental (5º e 9º ano); Avaliação do Ensino Médio (1ª, 2ª, 3ª séries), avaliadas as competências e habilidades nas áreas de Língua Portuguesa e Matemática, tendo como documentos orientadores os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) do Ministério da Educação (MEC) e os Referenciais Curriculares Básicos (RCB) da SEDUC. Além dos testes que contém itens elaborados pelos professores da rede pública, também são aplicados, questionários contextuais, objetivando investigar dados socioeconômicos e trajetória escolar dos alunos; perfil e prática dos professores e diretores.

Em síntese, as etapas desse processo avaliativo apresentam-se da seguinte forma: 1 – determinação da população a ser avaliada; 2 - elaboração ou utilização da Matriz de Referência; construção dos itens; pré-testagem dos itens; análise estatística e pedagógica dos itens; 3 – montagem dos cadernos de testes; 4 – aplicação dos Instrumentos; processamento e constituição da Base de Dados da avaliação; 5 – análise dos resultados; elaboração dos relatórios gerais e pedagógicos.

Os resultados dessa avaliação são apresentados através de um documento denominado Boletim Pedagógico de Avaliação, permitindo a análise das relações da Matriz de Referência com a Matriz Curricular de Ensino, estabelecendo a diferença entre as mesmas. Estuda-se também a composição dos Testes de Proficiência e como eles são analisados, possibilitando a elaboração de itens com base no documento Guia de Elaboração de Itens. O conceito que se tem de uma Matriz Curricular é de “um conjunto amplo de conteúdos a serem abordados em cada disciplina e orientações metodológicas” (BOLETIM PEDAGÓGICO, 2008, p. 20).

Como norteadora da elaboração de itens que compõem os testes, a Matriz de Referência para Avaliação, surge da Matriz Curricular, mas contempla apenas aquelas habilidades consideradas fundamentais e possíveis de serem avaliadas em testes de múltipla escolha. (BOLETIM PEDAGÓGICO, 2008, p. 20)

Os elementos que compõem a Matriz de Referência para Avaliação são organizados em tópicos, agrupados em um conjunto de descritores, que descrevem uma única habilidade. O descritor “representa uma associação entre os conteúdos

curriculares e as operações mentais desenvolvidas pelos alunos, que se traduzem em competências e habilidades”. (BOLETIM PEDAGÓGICO, 2008, p. 21) Portanto, justificam-se as diferenças entre a avaliação em larga escala e aquela que é realizada, pelos professores, em sala de aula.

Depois da aplicação das avaliações externas, as mesmas são enviadas ao CAEd, cujos dados que são analisados de forma qualitativa. O tratamento estatístico utilizado denomina-se Teoria da Resposta do Item – TRI. Essa teoria utilizada “possibilita estabelecer uma relação entre a proficiência do aluno e a probabilidade de ele acertar um determinado item.” (BOLETIM PEDAGÓGICO, 2008, p. 26).

Constam do mesmo Boletim os resultados de cada escola, onde há uma escala de proficiência que possibilita o acompanhamento do caminho trilhado pelos alunos na conquista de suas habilidades e competências acadêmicas. Portanto, a escola terá alguns desafios a cumprir, compreender o Gráfico do Percentual de Alunos por Nível de Proficiência consultando a Escala e compondo assim, o quadro do diagnóstico pedagógico da escola.

### **3 | PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

A pesquisa realizou-se na escola Municipal de ensino Fundamental Rita Paula de Brito, situada no município de Aquiraz (CE), envolvendo um universo de dezoito alunos do 9º ano, com uma faixa etária de 14 a 17 anos, três professores e dois coordenadores pedagógicos. Foram aplicados questionários compostos de perguntas abertas e fechadas, bem como de análise documental – dois modelos de avaliações de Língua Portuguesa e o Guia de Elaboração de Itens do SPAECE.

Para tanto, visitou-se a escola, observou-se a interação de seus membros por ocasião de encontros coletivos e, por fim, os questionários foram aplicados para coleta de dados que embasam esse trabalho.

### **4 | RESULTADOS E DISCUSSÕES**

A análise das discussões evidenciou que a concepção de avaliação tanto de alunos quanto de professores, identifica-se ao conceito de exame citado por Luckesi (2005), e não a percebem como uma ação dialógica entre professor e aluno. Embora alguns alunos tenham demonstrado insatisfação em participar das mesmas, a maioria registrou o contrário, alegando que as avaliações ajudam em seu desenvolvimento, contribuem com seu aprendizado por serem diferentes das provas que são aplicadas na escola. Assim, percebem sua correta aplicação e que o assunto está de acordo com o que eles estudaram, embora alguns alunos considerem que são avaliações muito difíceis, pelo conteúdo e nível das informações contidas.

Sobre a contribuição que o processo de avaliação externa pode trazer para a aprendizagem dos alunos, algumas expectativas são geradas, pois os professores esperam que haja um estímulo em relação à leitura, o que ainda não se percebe de modo convincente, assim como o faça refletir sobre sua postura quanto aluno e cidadão atuante de uma sociedade.

Observou-se que existe um estremecimento nas relações interpessoais no grupo. Há uma contrariedade perceptível entre alguns professores e o grupo gestor, o que impossibilita o andamento produtivo das ações da escola. Existe um ruído na comunicação que fragiliza o potencial de recursos humanos que ali se encontra. As relações entre alunos, professores e grupo gestor têm evidências de desrespeito ocasionando indisciplina e uma represália consistente evidenciada nas atitudes dos alunos. Os docentes e grupo gestor asseguram que a estrutura física da escola, inadequada para o número de alunos, contribui para reforçar as atitudes de indisciplina e desinteresse, acentuadas, principalmente nas salas de 6º ao 9º ano. Importante dizer, também, que a comunidade em que a referida escola está inserida, já possui evidências de violência provocadas pelo uso de drogas, armas, prostituição, e famílias desestruturadas, financeira, emocional e afetivamente. Os gestores da escola alegam dificuldade em alcançar essas famílias mais afetadas socialmente, pois as mesmas são ausentes das ações da escola, o que impossibilita uma tomada de decisões efetivas de sucesso junto aos alunos que, coincidentemente são os que mais necessitam de acompanhamento.

Pelos professores e coordenadores a concepção repousa na ideia de medição de conhecimentos, checagem do rendimento dos alunos no processo ensino aprendizagem. Embora tendo sido considerada complexa pelo diagnóstico de situações diversas, é vista com a finalidade de proporcionar a progressão de cada aluno de acordo com sua aprendizagem. Percebe-se assim, uma convergência de concepções, embora não se perceba nas respostas dos alunos, a visão de progresso denotada na resposta do professor, fato que também não é unanimidade.

O que acontece no período que antecede às avaliações externas? Pelos relatos observou-se que, os professores não realizam ações percebidas pelos alunos que intensifiquem o reforço dos conteúdos a serem estudados. Não há ênfase de trabalho relacionado a esse importante momento vivenciado pela escola.

Quanto à utilização dos resultados pela escola, identificou-se que os resultados são divulgados na escola, mas não há um trabalho de divulgação organizado junto à comunidade escolar, bem como não existe uma análise e estudo coletivo desses resultados tendo como base os descritores de aprendizagem e com foco no objetivo de replanejamento das ações, como sugere o Boletim Pedagógico do SPAECE.

Esse fato denuncia-se nas respostas dos alunos que, em sua maioria, afirmam não haver comentários sobre a avaliação depois de efetivado o processo. Comentários aqui, entendidos como estudo, oficinas com os alunos, no sentido de perceberem itens mais difíceis, descritores explorados e competências e habilidades alcançadas, ou

não. Entende-se que não há intervenção se inexistir o estudo e a reflexão coletiva.

Os alunos dividiram-se quase de forma igualitária na questão sobre gostar ou não de participar das avaliações, embora a maioria tenha respondido que se prepara estudando para o momento da avaliação. Há sugestões de todos os envolvidos no sentido de melhorar o processo avaliativo na escola. As opiniões justificam-se na necessidade de se melhorar o instrumental de aplicação utilizado nas avaliações internas e elaborado pelos professores. Reconhecem que é preciso fazer um alinhamento desse instrumental em relação ao que é utilizado nas avaliações externas, mesmo que as avaliações se diferenciem em torno de sua matriz e de seus objetivos.

Na verificação dos instrumentais de aplicação fica evidente a diferença entre os dois. Justifica-se esse fato pelos objetivos diferenciados que se propõem cada uma delas. Uma centra-se nos conteúdos ministrados tendo por base o currículo definido anualmente. A outra tem como centro matrizes de referências, que de certa forma equiparam-se ao currículo.

Assim, diante desse quadro, a análise desse processo avaliativo possibilitou averiguar que, nesse grupo, não se faz uma clara diferença de concepção de avaliação externa e interna, consequência de não esclarecimento sobre as matrizes de referência das avaliações externas bem como sobre a matriz curricular que orienta as avaliações internas. Não há olhar diferenciado nesse sentido pelos atores envolvidos e não existe um aproveitamento dos resultados no sentido de produzir melhorias no ensino.

Em decorrência da falta de compreensão dos resultados, com o detalhamento do que os alunos não estão aprendendo não há, de maneira visível, um impacto positivo em sala de aula. Não há formação em serviço na escola convincente de forma a aperfeiçoar a maneira de ensinar dos professores, principalmente para os professores de 6º ao 9º ano, já que para o ensino fundamental I, essa ação fica a cargo da secretaria municipal de educação.

Não se pode inferir, a despeito do desempenho dos alunos nas avaliações, que o professor seja incompetente, porque é uma cadeia muito grande da qual ele é apenas um dos elementos, mesmo conscientes de que a parcela de responsabilidade dos docentes seja significativa na aprendizagem dos alunos. A sugestão é que a escola possa por ela mesma reconhecer suas evidências de dificuldades e em que precisa melhorar. Necessita investir na formação em serviço aos professores, aproveitando a carga horária destinada ao planejamento e estudo. Precisa rever a abordagem de conteúdos trabalhados pelo professor. Uma oficina que contemple a elaboração de itens pode ser uma boa opção de mudança de prática. Necessita que o diagnóstico oportunizado pela avaliação externa sirva para o replanejamento de ações, já que ela fornece dados que detectam o que está funcionando bem na escola e no sistema.

A divulgação dos resultados das avaliações aos familiares dos alunos garante o princípio de transparência das informações e cria laços mais fortes de comprometimento a favor de um sistema de educação mais igualitário e justo, além de ser um direito da sociedade o acesso a esse conhecimento. A gestão democrática e o trabalho

colaborativo devem ser incentivados e vivenciados para que a comunidade escolar possa planejar-se estrategicamente, com responsabilidade e envolvimento de todos, para o alcance de objetivos e metas.

## 5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

A avaliação externa em larga escala, embora seja uma cultura recente no Brasil, já avançou muito desde a criação do Sistema de Avaliação da Educação Básica - SAEB. Embora, de imediato não tenha sido bem aceita por parte das equipes escolares, aos poucos foram convencidos pelo aprimoramento do sistema, e da percepção de que, com um diagnóstico geral do ensino é mais fácil atingir o objetivo de melhoria da qualidade da educação, através do replanejamento de ações.

Para que o diagnóstico elaborado pelos professores, através da avaliação externa, torne-se um instrumento efetivo de transformação da realidade escolar, é necessário que se crie, na escola, uma cultura de avaliação reforçada pela prática do diálogo. A construção dessa cultura democrática depende dos gestores para sua disseminação, pois eles desempenham papel importante para incentivar a participação de todos da escola para a utilização dos resultados das avaliações, propondo momentos específicos no calendário escolar para o estudo dos mencionados boletins.

A reflexão coletiva sobre as características dos alunos nos diferentes níveis de desempenho irá proporcionar momentos para se formar uma cultura de aprendizagem colaborativa sobre avaliação e, então poderão ser definidas as metas de aprendizagem ou que seja elaborado um plano de ações de intervenção pedagógica que redimensione, inclusive, o Projeto Político-pedagógico da escola. A partir daí, a escola poderá criar projetos de recuperação para os alunos identificados com baixo desempenho; criar programas de reforço escolar voltados para a consolidação das competências e habilidades que mereçam mais atenção bem como discutir com os professores novos mecanismos de avaliação da aprendizagem dos alunos e o monitoramento dos mesmos no referido processo.

Uma das discussões correntes evidencia que a aplicação de avaliações sem o alinhamento de suas matrizes de referência às expectativas de aprendizagem dos alunos não é relevante. Importante também, não é só investigar os resultados, mas sim desenvolver um trabalho continuado de formação envolvendo todos os atores da rede escolar: técnicos das secretarias, diretores, coordenadores, professores. Nesses momentos devem ser privilegiadas situações de orientações técnicas pontuais sobre os resultados das avaliações bem como sobre abordagens pedagógicas para trabalhar os conteúdos, já que às vezes falta ao professor conhecimento sobre os mesmos.

A avaliação em larga escala transcende o espaço da sala de aula e até mesmo da escola, e faz com que professor, gestor e pais reflitam, movimentando o pedagógico, pois os indicadores gerados sintetizam os resultados e possibilitam, em última instância,

a formulação de políticas públicas educacionais.

## REFERÊNCIAS

- BECKER, Fernanda da Rosa. **Avaliação educacional em larga escala: a experiência brasileira.** Revista Ibero-americana de educação. N° 53/1 – 25/06/2010
- BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais - terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa / Secretaria de Educação Fundamental.** Brasília: MEC/SEF, 1998. 106 p.
- BRASÍLIA, Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Língua portuguesa: orientações para o professor.** Saeb/Prova Brasil, 4ª série/5º ano, ensino fundamental. Brasília: INEP, 2009. 117 p.
- CEARÁ, Secretaria da Educação. Sistema Permanente de Avaliação da Educação Básica do Ceará – SPAECE/2008. **Boletim Pedagógico de Avaliação: Língua Portuguesa, 9º ano do Ensino Fundamental.** Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Educação, CAED.
- GREMAUD, Amaury Patrick. (*et all.*) **Guia de Estudo: avaliação continuada.** Juiz de Fora: FADEPE, 2009, 82 p.
- HOFFMAN, Jussara. **Avaliação Mediadora: uma prática da construção da pré-escola à universidade.** 17ª Ed. Porto Alegre: Mediação, 2000.
- \_\_\_\_\_. **Avaliar para promover: as setas do caminho.** 10. ed. Porto Alegre: Editora Mediação, 2008.
- \_\_\_\_\_. **Avaliação: mito e desafio – uma perspectiva construtivista.** 41. ed. Porto Alegre: Editora Mediação, 2011.
- \_\_\_\_\_. **Avaliar – respeitar primeiro educar depois.** 2. ed. Porto Alegre. Ed. Mediação, 2010.
- LIMA, Adriana de Oliveira. **Avaliação escolar: julgamento ou construção?** 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem na escola.** 2. ed. Salvador: Malabares, 2005.
- PERRENOUD, Philippe. **Avaliação: da excelência à regulação das aprendizagens - entre duas lógicas.** Porto Alegre: Artmed, 1999.

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-082-7

